

DF - Museu

ESPAÇO POLÊMICO

A decisão de Roriz de transformar o Museu do Índio (que já teve os seus dias de Museu de Arte Moderna) em Museu de Brasília será revista pelo governo Cristovam

CARMEM MORETZSOHN

A secretária de Cultura, Maria Duarte, promete rever a decisão do governo anterior, que entregou o prédio do antigo Museu do Índio ao Instituto Histórico e Geográfico para a instalação do recém-criado Museu de Brasília. A concessão de uso foi determinada pelo governo Roriz através de convênio (com vigência de cinco anos — podendo ser renovado) poucos dias antes do término do mandato. A decisão pegou a gestão atual de surpresa. Afinal, o espaço vinha sendo pleiteado pelos artistas para a criação do Museu de Arte Moderna de Brasília.

A equipe de Maria Duarte já está estudando o convênio. A idéia é consultar a classe artística e cultural — atitude que não foi tomada pela administração anterior. Mas até neste debate podem haver surpresas. O espaço tem um histórico de problemas e parece que não vai ser tão fácil chegar a um acordo.

O prédio localizado em frente ao Memorial JK, no Eixo Monumental, foi projetado por Oscar Niemeyer para abrigar o Museu do Índio. Tanto é assim que suas formas reproduzem uma oca estilizada, inclusive contando com a praça central característica das aldeias brasileiras. Mas problemas políticos evitaram sua ocupação pelos índios. Era a época do governo de José Aparecido, e os caciques de nações do Xingu vieram a Brasília realizar uma pajelança. Os índios invocaram os deuses para que os espíritos da floresta guardassem aquele lugar, impedindo a chegada de estranhos. Na ocasião, o pajé Sapaim determinou: "Se não for nosso, nada mais vai dar certo aqui". Parece até profecia...

Projeto — Tentando solucionar o assunto, Oscar Niemeyer executou, novamente a pedido de José Aparecido, um outro projeto para o Museu do Índio, desta vez a ser erguido próximo ao campus da Universidade de Brasília. O museu abrigaria também um centro de estudos (além do acervo de peças indígenas), a ser coordenado pelo De-

partamento de Antropologia da UnB. O projeto está en-gavetado até hoje. De lá para cá muita água rolou. E chegou-se a inaugurar o local do ex-Museu do Índio como Museu de Arte Moderna, ocupando seu interior com uma magnífica exposição do artista plástico venezuelano Reverón. A iniciativa ficou a cargo de Marcus Lontra, atual coordenador-geral do MAM/RJ e um

...



... que foi de Arte Moderna, com mostra organizada por Marcus Lontra (D)...

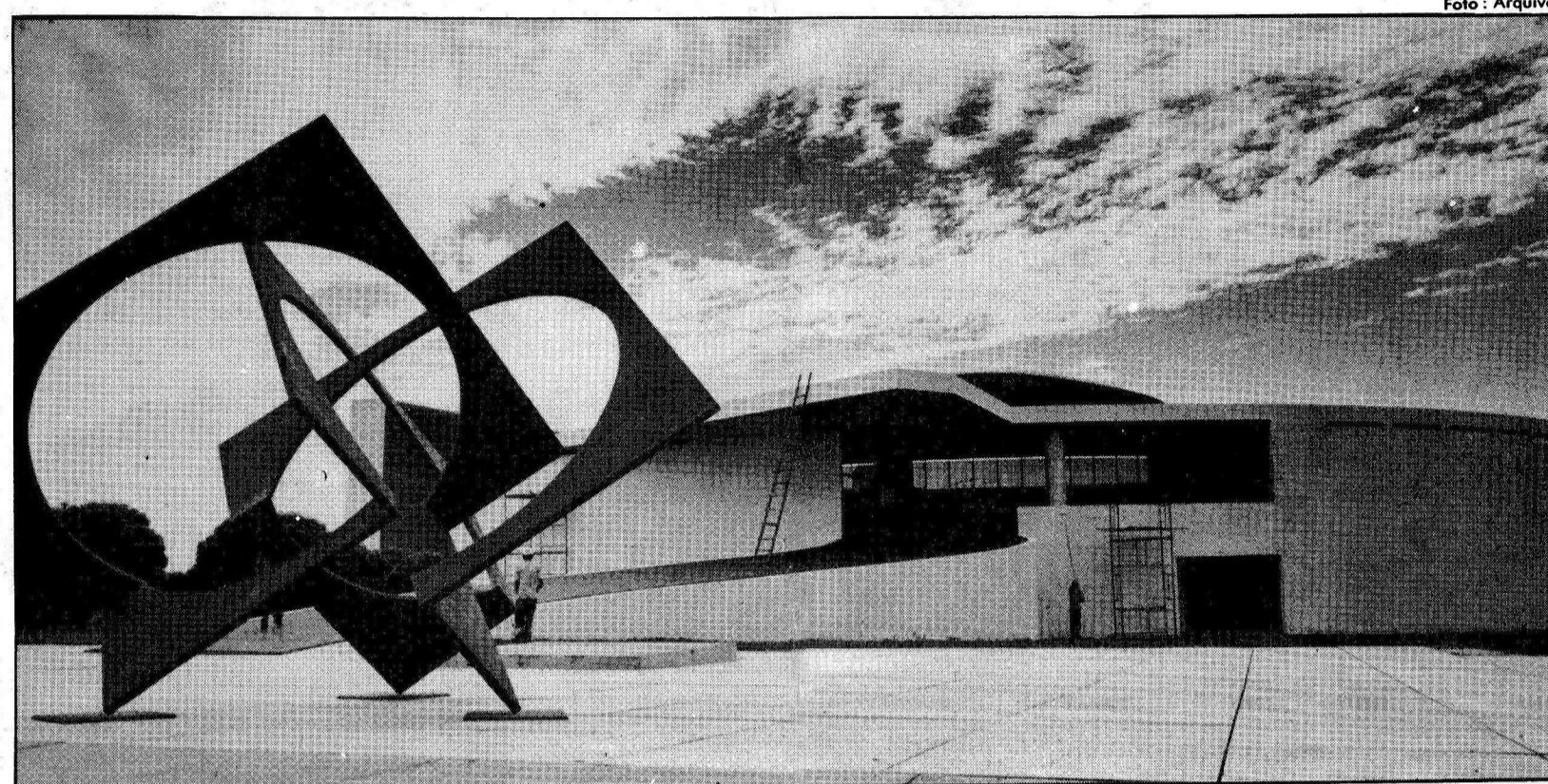
Luis Marcos

Maria Duarte

dos maiores entusiastas da idéia de criação do MAM/DF no local. "Na época, o ministro da Cultura da Venezuela visitou a exposição e disse que nunca tinha visto uma mostra de Reverón tão bonita, tão bem montada".

Só que, depois de Reverón, nenhum outro artista pôde ocupar o prédio. E o espaço ficou durante os quatro anos seguintes em completo abandono. Conclusão: foram roubadas lâmpadas, torneiras, fiação e tudo o mais que havia de infra-estrutura básica. Virou até ponto de encontro de mendigos, antes de merecer uma vigilância especial. Enquanto isso, a equipe do governo Roriz não se decidia sobre que atitude tomar. Surpreendentemente, no final do mês passado, pouquíssimos dias antes de passar a pasta, esta mesma equipe apresenta a solução: Museu de Brasília, a cargo do Instituto Histórico e Geográfico. Foi a gota d'água para esquentar a polêmica.

Definição — "Eu acho tudo isso muito estranho" — diz Marcus Lontra. "Mas o momento é para uma definição mais inteligente. A gente tem um presidente que é sociólogo, uma mulher que é das mais importantes antropólogas do País, um ministro evidentemente interessado em artes, um ex-reitor no governo e uma professora que,



Desde a sua primeira inauguração, o prédio, desenhado pelo arquiteto Oscar Niemeyer para ser Museu do Índio, tem um histórico de problemas

Manoel de Lyra



Índios e ativistas culturais participaram de ato em frente ao museu...

Jorge Cardoso



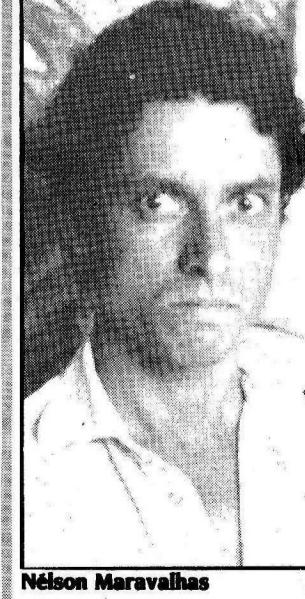
Leda Watson



Cláudio Telles



... e mais recentemente recebeu objetos que contam a história da cidade



Nélson Maravalhas

Lúcio Costa e até mesmo a atual sede do Instituto Histórico e Geográfico, onde existe um museu. "Uma cidade de 30 e poucos anos não justifica tantos museus para contar sua história", diz o coordenador-geral do MAM/RJ.

Afonso Heliodoro, vice-presidente do IHG e atual diretor-executivo do recém-criado Museu de Brasília, rebate: "Cada um tem a sua especificidade. O Catetinho, por exemplo, representa a primeira obra construída em Brasília, num tempo recorde de 10 dias; o Memorial JK especializado em preservar os ideais democráticos de JK; o Museu HJK mostra o pioneirismo na história da saúde, e assim por diante. Este nosso Museu de Brasília vai se especializar em contar a história da cidade. Temos aqui o baú da Missão Cruls, o equipamento da primeira estação de rádio, a cadeira de JK na primeira missa, a lápide da primeira sepultura de Juscelino. Vamos con-

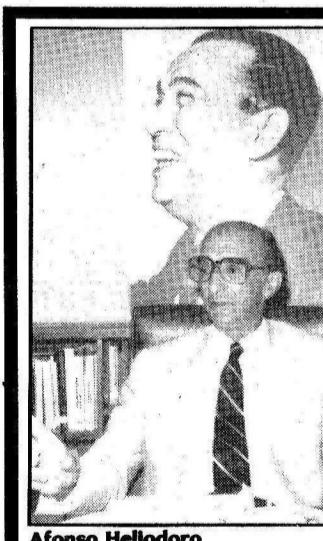
tar toda a história desde as primeiras manifestações de liberdade até hoje. É diferente de tudo o que já existe".

Os argumentos apresentados por Afonso Heliodoro não convencem Cláudio Telles, coordenador de Projetos Especiais do MAM/RJ e criador da Arte Capital, que durante muitos anos foi uma das principais galerias de Brasília: "Até o que eu saiba, já existe um prédio para o museu do Instituto Histórico e Geográfico. É uma redundância: o núcleo JK já é para isso. Acho que se deveria reaparelhar o instituto no local original e deixar este prédio para o Museu de Arte Moderna de Brasília. Afinal, a arte nesta cidade só tem o MAB, que está sendo muito maltratado pelo governo. Com a criação do MAM/DF, os dois museus poderiam atuar juntos, dentro de uma política estabelecida". A isso, Marcus Lontra acrescenta: "É impensável uma capital de um país não ter um Museu de Arte Moderna. Nós poderíamos trabalhar junto com o MAM/RJ, centralizar, informatizar todas as informações sobre os museus do Brasil no MAM/DF, equipá-lo com um centro de estudos, fazê-lo receber exposições que vêm ao Rio e a São Paulo. Aquela praça central poderia acolher espetáculos musicais, performances, teatro. O MAM/DF ficaria aberto até mais tarde, para que as pessoas fizessem ali seu happy-hour. Dentro de um espaço artístico! Seria maravilhoso para a cidade e para o turista, que não fica mais de oito horas em Brasília".

Contrário à opinião de Telles e Lontra está o artista plástico Nélson Maravalhas. "Este museu não serve para artes plásticas. É um monumento muito bonito mas estranho, é inclinado, não tem afastamento. Uma pintura muito grande vai estar sempre torta: alinhada com o horizonte, fica com o chão inclinado; alinhada com o chão, fica desalinhada com o real. Não tem distanciamento para se ver as obras mais de longe. A iluminação é muito direta para pintura. Não tem possibilidade de curadoria. Os artistas queriam pegar porque artista é carente mesmo, mas ele foi feito para ser o Museu do Índio, é uma oca, então, que seja devolvido a eles".

A artista Leda Watson, ex-coordenadora de museus no governo Aparecido, concorda: "Para ser o Museu do Índio, não precisaria adaptação. Mas para Museu de Arte vai requerer reformas. Se o MAB fosse mais bem cuidado, não precisaríamos de mais um museu de arte. Eu defendo a tese do museu voltar a ser do Índio, pois o acervo da Funai é excepcional e deve ser restaurado".

Agora, vai caber à equipe da secretaria Maria Duarte decidir que rumo tomar no meio deste tiro de opiniões. Sabe-se que o prédio sempre representou uma batata quente nas mãos do GDF — tanto é que passou um tempo sob a posse da própria Presidência da República. O monumento é de indiscutível beleza. Quanto à sua finalidade...



Afonso Heliodoro